

A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO A PARTIR DAS HOMOSSEXUALIDADES E DA HOMOCULTURA¹

Roney Polato de Castro
E-mail: polatojf@yahoo.com.br

Zaine Simas Mattos
E-mail: zainemattos@terra.com.br

O livro *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos* incorpora-se ao rol de produções² destinadas a mostrar os espaços de construção de conhecimentos sobre as homossexualidades e a homocultura no Brasil, a partir de múltiplos olhares sobre a constituição dessas categorias (viés político, literário, identitário, transgressor etc.). Nele, as categorias “homossexualidades” e “homocultura” são tratadas como construções que se relacionam com as vivências experimentadas pelos sujeitos e estão diretamente relacionadas à constituição de suas identidades sexuais, hibridizadas a outras identidades, tais como as de gênero, raça, etnia, classe social e geração. Assim, homossexualidades e homocultura servem para colocar sob suspeita a cultura em que essas identidades são produzidas.

O “Brasil homossexual” retratado no livro nos convoca a pensar nas homossexualidades como produtos e produtoras da homocultura, envolvidas nos jogos de saber-poder que cercam o debate e as lutas pela efetividade dos direitos e da democracia no que se refere aos sujeitos homossexuais. Nesse sentido, a homocultura constitui-se em práticas discursivas e não discursivas que dão um lugar a esses sujeitos, construindo afinidades, identificações que, por sua vez, marcam a afirmação das homossexualidades como possibilidades legítimas de viver as sexualidades.

O livro consiste em uma coletânea de textos do IV Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH. Ele foi lançado em dezembro de 2010, dois anos após a realização do congresso na USP, apresentando artigos e ensaios de diversos pesquisadores espanhóis, brasileiros e de alguns países da América Latina. O livro é fruto dos intensos debates

¹ Resenha do livro intitulado *Retratos do Brasil homossexual*, organizado por Horácio Costa, Berenice Bento, Wilton Garcia, Emerson Inácio e Wiliam Siqueira Peres, coeditado pela Imprensa Oficial e Edusp.

² Os congressos da ABEH são bianuais. Por ocasião dos congressos anteriores, foram produzidos outros livros como *A Escrita de Adé – perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil*, organizado por Rick Santos e Wilton Garcia (2002) e *Imagem & diversidade sexual: estudos da homocultura*, organizado por Denilson Lopes, Berenice Bento, Sergio Aboud e Wilton Garcia (2004).

sobre a homocultura que ocorreram por ocasião do congresso supracitado, debates esses impulsionados pelas discussões sobre as inter-relações da homocultura com os direitos humanos, a literatura, a arte, o universo trans e a construção de identidades.

O discurso de Horácio Costa na abertura do IV Congresso da ABEH abre as discussões do livro. Ao mencionar o livro de Paulo Prado, *Retrato do Brasil*, Horácio Costa parece demonstrar que há oito décadas o que se produzia em relação à vida sexual no Brasil era um texto marcado pelo puritanismo e moralismo da aristocracia, o que tornava impensável a ideia de falar sobre um Brasil homossexual. Nesse sentido, *Retratos do Brasil homossexual* é um livro que fala de retratos, no plural, abrindo espaço para as várias formas de viver as sexualidades que, atualmente, vêm conquistando visibilidade no espaço social. Entretanto, em meio a inúmeros avanços e conquistas, ainda nos deparamos com as violências homofóbicas que desmistificam essa suposta ilusão de visibilidade e celebração das diversidades, por meio da violência física, simbólica e pela negação de direitos.

Ainda no texto de abertura, Horácio Costa problematiza as promessas de felicidade apregoadas pelo Estado moderno e a infelicidade produzida e/ou permitida por ele em relação às minorias. Para Horácio, a igualdade de obrigações demanda a igualdade de direitos, portanto a igualdade, antes de ser um problema moral, constitui-se em um problema legal e ético. O Estado moderno, com suas promessas de felicidade, virtuosidades cidadãs e plenitudes, não tem conseguido atingir a todos e todas, de forma a garantir-lhes as promessas, abrindo caminho para tratamentos desiguais para as minorias. E é sobre estas desigualdades/diferenças e as diversas faces da homossexualidade e da homocultura que os textos do livro irão se desenrolar.

O livro é composto por 35 textos divididos em cinco partes temáticas: “Homocultura e Direitos Humanos”; “Homocultura e Literatura”; “Homocultura e Artes”; “Universo Trans e Pensar ‘Identidades’”. Um cd acompanha o livro, trazendo mais textos não inclusos na versão impressa, totalizando 96 textos.

O tema “Homocultura e direitos humanos”, primeira parte do livro, constitui-se em um conjunto de textos que apresentam como tônica a reflexão e a discussão sobre legislação e justiça, no que se refere aos direitos humanos e à homocultura. Maria Berenice Dias, em *A união homoafetiva e a Constituição Federal*, discute a união entre pessoas do mesmo sexo, partindo do princípio da igualdade presente na Constituição Federal brasileira

de 1988, utilizando-se do entendimento sobre entidades familiares como um avanço em relação ao modelo tradicional de família, no qual genitabilidade migra para a afetividade como fator mais importante para a constituição de entidades familiares. Os textos de Fernando Grande Marlaska, “El matrimonio heterosexual: ¿Un mito?”, e Juan Vicente Aliaga, “Peligrosos y normales Sobre la situación de la España democrática respecto de la diversidad sexual”, trazem uma discussão sobre a legislação espanhola na qual o matrimônio homossexual é equiparado ao matrimônio heterossexual, com plenos direitos, inclusive de adoção. João Silvério Trevisan, em seu texto “Homocultura & política homossexual no Brasil: do passado ao por-vir”, recorre a uma análise crítica comparativa entre os movimentos *gays* americano e brasileiro, visando a compreender o nosso “reboquismo” em relação àqueles movimentos. Em “Direitos humanos e estudos *gays* e lésbicos: o que nós e Michael Foucault temos a ver com isso?”, Mário César Lugarinho trabalha com os grandes paradoxos em relação aos direitos humanos, a partir da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Em meio a essa discussão, o autor conclama os estudos de Michael Foucault como uma alternativa e instrumentalização para uma crítica da sociedade e da cultura contemporâneas, em busca de mudanças de paradigmas e de promoção dos direitos humanos, no que tange aos estudos *gays* e lésbicos. A autora Berenice Bento, em seu texto “Identidade legal de gênero: reconhecimento ou autorização?”, discute o processo transexualizador, no campo do conflito identitário e dos direitos humanos, sob a perspectiva de reconhecimento e de autorização, analisando a composição da lei no Brasil e em alguns países como Inglaterra, Espanha, Itália, Alemanha e países latino-americanos. Por fim, no texto “Constâncias”, Paula Viturro discute o uso do termo “perspectiva de gênero”, a partir dos referenciais feministas, *queer* e trans, chamando a atenção para a necessidade de um uso mais crítico do termo, visando a desconstruir visões dogmáticas que trazem sérias consequências no que se refere ao âmbito jurídico-político para o ativismo antidiscriminação.

A segunda parte do livro, intitulada “Homocultura e literatura”, apesar de apresentar um vocabulário, conceitos e análises próprios dos estudos literários, fornece amplas reflexões sobre a homocultura em várias épocas e contextos. O texto de Horácio Costa, “O cânone impermeável: homoerotismo nas poesias brasileira, portuguesa e mexicana no modernismo”, faz uma análise crítica sobre “a impermeabilidade do registro homoerótico no âmbito do cânone da poesia brasileira moderna” (p. 110), sustentada pelo exercício da autoridade da heterossexualidade compulsória. Emerson da Cruz Inácio, em seu texto “Para uma análise pederasta”, recorrendo aos

estudos foucaultianos e à teoria *Queer*, busca “promover um processo de dessubalternização” (p. 114) de identidades contemporâneas aos cânones literários. A partir de uma análise do texto português “Comédia de Bristo, o Fanchono”, Francisco Maciel Silveira apresenta um estudo acerca das marcas pudicícias e preconceitos descritos nessa comediografia. Marcia Arruda Franco, em “Humor e homofobia no cancionero geral de Garcia Resende”, relata o tratamento dado ao homoerotismo feminino, bem como ao humor homofóbico, na obra de Garcia de Resende no século XV. No texto intitulado “Teatro e paródia no mito de Inês de Castro”, Flavia Maria Corradin trabalha com a intertextualidade entre o episódio de Inês de Castro em *Os Lusíadas* e o texto de Armando Nascimento Rosa intitulado “O eunuco de Inês de Castro: teatro nos país dos mortos”, que dialoga parodicamente com a história. Ao examinar os procedimentos que permitem afirmar esse diálogo, a autora argumenta que os paradigmas colocados pela história inicial são dessacralizados, questionando-se os paradigmas da época em que os mitos sobre as relações e a sexualidade das personagens foram construídos. O autor Robert Howes faz um estudo da literatura de Damata no texto “Solidão e relações de poder na obra de Gasparino Damata”, no qual exalta o seu pioneirismo nos temas homoeróticos no Brasil. O autor faz uma análise do desenvolvimento de sua literatura desde 1951 até 1976, culminando em uma comparação intertextual entre *The Sargent*, de Dennes Murphy e a obra de Damata, *O voluntário*, com vistas a demonstrar os contrastes culturais das duas produções literárias. O texto de Antonio Eduardo de Oliveira, “Corpo e Memória na obra de Caio Fernando Abreu”, trabalha a biografia de Caio Fernando Abreu a partir de suas obras, que terminam por revelar muito de sua subjetividade, permeada por “morte, aids, vida e memória” (p.169), bem como pelas temáticas homoafetivas, marcando a obra por um desnudamento do escritor diante do leitor. Luciano Ferreira da Silva, no seu texto “Representações de gênero e do homoerotismo nas literaturas infantil e juvenil: uma leitura de *O gato que gostava de cenoura* e *Sempre por perto*”, traz um estudo dessas duas obras, uma direcionada para o público infantil e a outra para o universo infantojuvenil e mesmo adulto, procurando desvelar diferentes representações de homoerotismo e de representações de gênero. A autora Ana Maria Domingues de Oliveira, em seu texto “Quarenta anos de histórias de amor”, traz mais uma vez o estudo das obras de Damata, elegendo o livro *Amor maldito*, 1969, fazendo uma comparação com a obra *Entre nós*, de Luiz Ruffato, 2007, demonstrando as grandes transformações ocorridas no Brasil, no que diz respeito ao homoerotismo, no transcorrer desses quase 40 anos entre uma obra e outra.

“Homocultura e arte” é o tema abordado na terceira parte do livro. Pablo Peinado, em “La colección visible: motor y memoria de un tiempo de cambio”, exalta a cultura GLT – *Gays*, *Lésbicas* e *Transgênero* – não somente como memória de um tempo de transformação, mas também como uma força propulsora para essas transformações sociais. O autor Giuseppe Campuzano em seu texto “Andróginos, hombres vestidos de mujer, maricones... El museo travestí del Perú”, através da teoria *Queer*, traz os travestis das margens para o centro da história oficial do Peru, em que o corpo do travesti e a sua sexualidade são colocados como atitudes e identidade peruana em metamorfoses constantes. No texto “Coisas de viado”, Yann Beauvais discute o cinema experimental sobre a temática *gay* e *lésbica*, tanto de cineastas brasileiros quanto de cineastas de diversas partes do mundo. Em “Cenas paralelas: do arcaico ao pós-moderno nas representações do *gay* no teatro brasileiro contemporâneo”, Ferdinando Martins foca a dramaturgia com temática homoerótica na virada da década passada e no transcorrer desta, remetendo a “diferentes temporalidades que coexistem em um mesmo campo cultural” (p. 245) evidenciando “a precariedade da categoria *gay* para denominar sujeitos coletivos ou identidades genéricas” (p. 245). O autor Maurício de Bragança, em seu texto “Camp, paródia e violência em Astrid Haddad por Las Hermanas Vampiro”, embasado nos estudos performativos, problematiza as políticas de identidade, as práticas sociais e a cultura popular mexicana através da arte híbrida de Astrid Haddad e seu grupo que aborda gênero, machismo e violência contra a mulher. Wilton Garcia, em “Corpo e fotografia em Erwin Olaf: estudos contemporâneos”, a partir das *fashion victims* – uma série de nove fotografias provocantes desse autor –, apresenta uma reflexão crítico-conceitual do uso do corpo como objeto tendo como eixo de investigação a homocultura e o homoerotismo como produtores de conhecimentos e subjetividades.

O “Universo trans” é contemplado na quarta parte do livro, por meio dos textos de Claudia Wonder, “Criando gênero, fazendo história”, Eliane Borges Berutti, “Travestis: retratos do Brasil”, e William S. Peres, “Travestis, cuidado de si e serviços de saúde: algumas reflexões”. O primeiro texto visibiliza a homossexualidade, enfatizando vários homossexuais que se destacaram ao longo da história ocidental. O segundo analisa livros e artigos publicados no Brasil sobre o universo dos travestis nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, com vistas a visibilizar a cultura desse universo pesquisado. Já o terceiro aborda o universo das travestis, transexuais e transgêneros no que tange ao atendimento de saúde, sobretudo no que se refere ao uso de silicone e hormônios.

Intitulada “Pensar Identidades”, a quinta e última parte do livro trata, sobretudo, de construções de identidades homossexuais. O texto de Francisco Maciel Silveira Filho, “A crise da masculinidade contemporânea”, discute a crise da masculinidade hegemônica na contemporaneidade, embasado pelos estudos de Guacira Louro e Sócrates Nolasco. A homossexualidade feminina é trabalhada por Tânia Pinafi e Nadia Nogueira. No texto “Assimetrias de poder na militância entre *gays* e lésbicas”, Pinafi dá ênfase na invisibilidade histórica das homossexuais femininas dentro dos movimentos homossexuais e na sociedade em geral, marcadas pelo machismo, misoginia e lesbofobia. Já Nogueira, em seu texto “Códigos de sociabilidade lésbica no Rio de Janeiro”, articula categorias como diferenciação social, relações de poder, corpo e sexualidade, para discorrer sobre os lugares de encontro de mulheres que amam mulheres no Rio de Janeiro dos anos 1960. O binômio raça e homossexualidade, constituindo-se como uma dupla estigmatização, é discutido por José Estevão Rocha Arantes em seu texto “Vivendo no entre-lugar: raça e homossexualidade na construção de identidades.” O processo de adoção por casais homossexuais é abordado por Lindomar Expedito S. Darós no texto “Homoparentalidade e práticas sutis de discriminação à diversidade sexual: um estudo de caso”, no qual ele problematiza as discriminações por parte de profissionais envolvidos nesse processo. Investigando perfis de homens *gays* num *site* de relacionamentos da internet, Luiz Felipe Zago, em seu texto “Homens, homens *gays*”, analisa as construções de masculinidades e os vários modos de ser homem *gay* na atualidade. Em “*Club drugs* e Homocultura”, Virna Teixeira expõe suas investigações e análises sobre o uso de substâncias químicas utilizadas para melhorar a interação social – as *Club drugs* –, discutindo as características e os efeitos dessas substâncias dentro do contexto da homocultura. No texto “Impressões de identidade: os caminhos da imprensa *gay* nacional”, Jorge Caê Rodrigues traça e discute os caminhos da “imprensa *gay*”, durante os anos de 1970 até os dias atuais, evidenciando “o papel desempenhado pelos periódicos *gays* na construção das diferentes identidades da comunidade homossexual” (p. 404). Anderson Ferrari analisa a construção de identidades homossexuais no contexto escolar, como jogos discursivos e de poder, em seu texto intitulado “‘Monalisa’ e homossexualidades: jogos discursivos e de poder na construção das identidades no contexto escolar”. Luís Corrêa Lima investiga as posições doutrinárias do catolicismo no texto “Homossexualidade e contra-hegemonia no catolicismo”, resgatando adaptações e negociações que se constituem em práticas “contra-hegemônicas, em favor dos *gays* e de suas bandeiras” (p. 423).

O livro cumpre o importante papel de reunir vários e diversificados textos sobre a homocultura em uma só obra, os quais apresentam estudos que estão sendo feitos em diferentes partes do país e no exterior e em diversos campos de atuação. Como um “pontapé inicial”, o livro nos convida a pensar para além dele, apontando para as inúmeras possibilidades de compreender, analisar e lidar com as homossexualidades e com a homocultura na atualidade.

Por fim, o livro trabalha com as presenças e as ausências. Ao propor a discussão acerca das construções das sexualidades em meio à cultura e ao universo de produção acadêmica e luta social, o IV Congresso da ABEH serve a um importante levantamento do que está sendo produzido e do que está circulando. Fato que se repete nesse livro. No entanto, ao adentrar no conjunto dos artigos, podemos perceber onde está concentrada essa produção, assim como em que áreas do conhecimento ou de atuação política essa reflexão ainda não chegou. Evidentemente, o livro, assim como a ABEH, representa um momento de apresentação que dialoga com outros espaços semelhantes. Se compararmos esse livro com os materiais produzidos a partir de outros eventos, tais como “Fazendo Gênero”³ GT 23 da ANPED⁴ – Gênero, Sexualidade e Educação, entre outros, observaremos inúmeras pesquisas, sob uma ampla diversidade de vieses e enfocando diversas categorias (infância, juventude, artefatos culturais, instituições escolares etc.). Quando pensamos que o livro nos traz “retratos” do Brasil homossexual, argumentamos que não trata de uma pretensa totalização: seria possível que um único livro retratasse todas as faces desse Brasil? Por isso mesmo, acreditamos que novos “retratos” continuarão a ser feitos, no sentido de tentar mostrar um Brasil que precisa de visibilidade, em seus direitos, suas lutas, nas experiências dos sujeitos. Isso nos aponta para o desafio da produção de conhecimento: não dar conta da totalidade dessas experiências, mas fazer-se espaço no qual elas possam existir de forma legítima. Esperemos outros livros como esse!

³ Evento com periodicidade bianual que ocorre na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), congregando pesquisadores/as de diversas instituições do Brasil e do exterior, bem como de diversas áreas (sociologia, história, filosofia, educação, psicologia, saúde etc.).

⁴ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.